

**A paisagem espanhola n'As Viagens de Luciano Cordeiro: na charneira entre
Literatura e Geografia**

Sara Cerqueira Pascoal

ISCAP/IPP

spascoal@iscap.ipp.pt

Palavras-Chave: Luciano Cordeiro, Espaço, Literatura de Viagens, Geografia Cultural, Literatura Comparada, História da Cultura.

Resumo

Será pela sua intensa actividade ao serviço da defesa das colónias, bem como pelas suas produções ensaísticas e de crítica literária que a posteridade lembrará Luciano Cordeiro. Já as duas narrativas de viagem – *Viagens: Espanha e França* (1874) e *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália* (1875) – do Fundador e da Sociedade de Geografia de Lisboa são deveras desconhecidas. Nelas se projecta a particular geografia do olhar do polígrafo português em viagem pela Europa e cuja reconstituição é o alvo deste estudo. Os objectivos perseguidos por este trabalho são, por conseguinte, a percepção e reconstrução do espaço de Luciano Cordeiro, nomeadamente da Espanha, tentando dilucidar o que na obra é de cariz geográfico, repousando sobre uma análise descritivo-realista da paisagem, e o que é de cariz literário ou ficcionado.

**A paisagem espanhola n'As Viagens de Luciano Cordeiro: na charneira entre
Literatura e Geografia**

« Il y a peu de relations auxquelles on ne puisse appliquer ce que Strabon disait de celles de Ménélas : je vois bien que tout homme qui écrit ses voyages est un menteur. »

Did
erot

0. Introdução

Em 1874 e consecutivamente em 1875, os prelos lisboetas de J.G. de Sousa Neves ofereciam, pela primeira vez, duas pequenas narrativas de viagem in-8º, com 240 e 264 páginas, intituladas respectivamente *Viagens: Espanha e França* e *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália*, assinadas por Luciano Cordeiro. Estes dois relatos compareciam no panorama literário-cultural português como um investimento cristalizador da tradição de literatura de viagem, género fundado no início do século e sustentado por uma estesia que tem no seu cerne o egotismo umbilicalista que se vaza literariamente em formas como a diarística e a memorialística¹²⁷. Com efeito, se é

¹²⁷ Como apontou François Moreau a expressão “literatura de viagens” testemunha uma ambiguidade e um estatuto de género que não lhe pertencem inteiramente. É somente no séc. XIX que “la forme viatique fondée sur la notion d’étape et de découpage chronologique fort s’adapte à merveille avec les nouveaux modes de communication que sont la presse périodique et les feuillets : le récit de voyage devient alors

verdade que a experiência viageira dos nossos descobridores se plasmará numa Literatura roteirística que terá o seu apogeu na História Trágico-Marítima, será necessário esperar pelo período romântico para que a viagem enquanto temário da Literatura assuma valor de género. No Romantismo, a viagem, como pura sugestão formal, ganha importância renovada, ao passo que a anotação de impressões de viagem, com leveza, em estilo jornalístico, e a sedução pelo pitoresco, se torna comum.

A actividade editorial portuguesa do Romantismo, já privilegiara anteriormente a edição deste tipo de impressões, podendo arrolar-se, no espaço de duas décadas, várias obras, entre as quais destacamos, as *Recordações de Itália* de António Pedro Lopes de Mendonça (1852), de Júlio de César Machado as *Recordações de Paris e Londres* (1862), *Em Espanha* (1865), e *Do Chiado a Veneza* (1867), de A. A. Teixeira de Vasconcelos as *Viagens na terra alheia – de Paris a Madrid* (1863), de Ramalho Ortigão, *Em Paris* (1868), de Ricardo Guimarães, Visconde de Benalcanfor as *Impressões de Viagem. Cádiz, Gibraltar, Paris e Londres* (1869) ou, finalmente, de Manuel Pinheiro Chagas *Madrid* (1872). Além disso, e como é óbvio, estas obras inseriam-se na voga de relatos de viagem editados noutros horizontes geográficos, nomeadamente franceses, que alcançariam grande sucesso editorial¹²⁸ no nosso país¹²⁹.

Espelhando, por conseguinte, esta inflação da produção editorial viageira, as *Viagens* de Luciano Cordeiro, são, porém, quanto a nós, paradigmáticas de um discurso de viagens que não se deixa facilmente determinar enquanto objecto de trabalho dos estudos literários e que só pode ser abordado numa perspectiva holística que abarque diversas metodologias que vão da Literatura, à História da Cultura, passando pela Geografia. Nesta perspectiva, a personalidade de Luciano Cordeiro é deveras

un compromis relativement stable entre la fiction romanesque par livraisons, dont il reprend le rythme et la technique de l'épisode clos, et la relation historique, voire le « tableau », qui donnent à l'esquisse leur poids de couleur locale. » (MOREAU, 1998 : 242).

¹²⁸ Jesus Cantera Ortiz de Urbina arrola cerca de 20 relatos de viagem por Espanha redigidos por escritores franceses durante o século XIX, mas os mais emblemáticos são certamente a *Voyage en Espagne* de Théophile Gautier e *De Paris à Cadix* de Alexandre Dumas, imaginário a que se devem acrescentar as novelas míticas de Prosper Mérimée, das *Odes et Ballades* e *Les Orientales* de Victor Hugo, Os *Contes d'Espagne et d'Italie* de Musset ou o *Itinéraire de Paris à Jérusalem* de Chateaubriand.. (Cf. CANTERA ORTIZ:1993)

¹²⁹ Esta é aliás talvez a mais forte isotopia que conseguimos isolar no paratexto que constitui a introdução às *Viagens: Hespanha e França*, “Em que o author da rasão ao livro”. Luciano Cordeiro ironiza mesmo com a moda que passou a ser possuir um diário de viagens: “*Creio que depois d'isto é escusado citar uns cavalheiros que eu vim encontrar em Lisboa ainda occupados na viagem à volta do Rocio, em que se embrenharam e proseguem nã há muitos mezes mas há muitos annos. (...) Morrem antes de concluírem a viagem mas os filhos proseguem-na heroicamente – faça-lhes justiça. É barata, tranquila e ajuda a digestão. (...) Não sei se escrevem diários, mas tem-nos geralmente.*” (p.7)

emblemática para o estudo que nos propomos, por nela vemos congregadas as facetas de crítico, literato, jornalista, historiador e geógrafo.

Luciano Cordeiro nasceu em Mirandela a 21 de Julho de 1844 e morreu em Lisboa a 24 de Dezembro de 1900¹³⁰. Iniciou, contudo, os seus estudos no Funchal, para onde foi viver muito cedo na companhia de seus pais e continuou-os em Lisboa, onde cursou algumas cadeiras da escola Politécnica, estudou as línguas grega, árabe e alemã, fez formatura no curso Superior de Letras e foi autodidacta nas ciências económicas, políticas e sociais.

Dada esta sua propensão para o estudo, foi escolhido pelo Ministério da Guerra para professor do Real Colégio Militar, onde leccionou as disciplinas de Literatura e Filosofia. Entretanto, em 1872, concorreu, com Teófilo Braga e Manuel Pinheiro Chagas à cadeira de Literatura Moderna do Curso Superior de Letras. O júri aprovou os três concorrentes em mérito absoluto e acabou por preferir Teófilo Braga, dotado de grande erudição e forte poder de argumentação.

Em 1875, multiplicou as suas acções, primeiramente como secretário e relator da Comissão para estudar a reforma do ensino artístico, a conservação dos monumentos nacionais e a formação de museus e, enquanto organiza oficialmente a Comissão Central de Geografia, funda, em conjunto com Emílio Augusto Cardoso, arquitecto e cartógrafo, Cândido Figueiredo, filólogo e dicionarista, e o seu amigo Rodrigo Afonso Pequito, a Sociedade de Geografia de Lisboa.

A Sociedade de Geografia de Lisboa corporizou um movimento de defesa dos colónias portuguesas, na época cobiçadas pelas potências europeias, cujo desenvolvimento industrial levava a procurar novos mercados para exportar produtos manufacturados e encontrar matérias-primas a preços reduzidos. Neste contexto, Luciano Cordeiro tornar-se-á, a diferentes ensejos, no mais ardente defensor dos interesses ultramarinos de Portugal, representando o nosso país em Congressos e Comissões internacionais, enquanto continua laboriosamente a ocupar vários cargos

¹³⁰ Luciano Cordeiro definiu-se a si próprio da seguinte maneira: *“Rapaz pobre, filho de pobres paes, amando o estudo mais por vocação ou habito, ou destrahimento ou consolação d’uma vida solitária e triste, ou por tudo aquillo reunido, do que por estimulo de grandes aspirações ou de grandes esperanças, dizendo francamente o que sente e pensa, menos por systema que por índole, orgulhoso pela consciência do seu trabalho obscuro e desprotegido – inutil talvez – mas de muitas privações e provações e suores e tristezas repassado e de nenhuma infâmia ou abjecção maculado; orgulhoso até onde legitimamente pode e dignamente deve ser-se, sem que o orgulho descambe na vaidade; animo rebelde a certas conveniências que implicam certas hypocrisias, e a certas respeitoidades que implicam servilismos e abjecções, impressionável, caturra, imprudente”* (CORDEIRO: 1869, 302)

públicos. Não caberia no âmbito de um trabalho tão espartilhado a enumeração de todas essas comissões, cabe, no entanto, uma referência muito especial a algumas delas, que ilustram a enérgica acção do polígrafo português. Assim, em 1878, representa Portugal no Congresso de Geografia Colonial que se realizou em Paris. Ainda nesse ano, fez parte da comissão encarregada de estudar as missões ultramarinas e da reforma da Comissão Central de Geografia. Em 1879, vai para o Brasil como Director da Iª Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro e no ano seguinte, sendo redactor do jornal *Comércio Português* foi um dos impulsionadores da celebração nacional do tricentenário de Camões. Em 1881, participou, como delegado português, no Congresso Internacional de Ciências Geográficas que se reuniu em Veneza e, por seu turno, em 1882, organizava o centenário do Marquês de Pombal. No ano seguinte, fez parte da comissão encarregada do estudo da emigração portuguesa e, em 1884, da Comissão Central de Estatística. Neste mesmo ano, parte para Berlim como delegado técnico da Conferência Internacional Africana, sob a presidência de Bismark.

Será pela sua intensa actividade ao serviço da defesa das colónias, bem como pelas suas produções ensaísticas e de crítica literária que a posteridade lembrará Luciano Cordeiro. Já as duas narrativas de viagem – *Viagens: Espanha e França* (1874) e *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália* (1875) – do Fundador e da Sociedade de Geografia de Lisboa são deveras desconhecidas. Nelas se projecta a particular geografia do olhar do polígrafo português em viagem pela Europa e cuja reconstituição é o alvo deste estudo. Os objectivos perseguidos por este modesto trabalho são, por conseguinte, a percepção e reconstrução do espaço de Luciano Cordeiro, nomeadamente da Espanha, tentando dilucidar o que na obra é de cariz geográfico, repousando sobre uma análise descritivo-realista da paisagem e o que é de cariz literário ou ficcionado.

A metodologia usada para esta pesquisa consistiu numa análise desconstrutivista do discurso de Luciano Cordeiro, plasmando uma metódica reconstituição quantitativa dos topónimos por este autor referidos, com uma arqueologia cuidadosa dos principais elementos da paisagem, cruzados com as referências literárias que pudemos isolar. Esta análise e o levantamento a que procedemos, permitiu-nos elaborar a cartografia temática que serviu de base a este estudo. A viagem pela paisagem humana e real será, por conseguinte, *leitmotiv* de profundas reflexões de Luciano Cordeiro que se serve de uma observação precisa e atenta da realidade e, através do realismo descritivo, constitui numa fonte geográfica de inesgotável interesse que – será nosso escopo demonstrar –

testemunha uma visão perceptiva do espaço vivido, a geografia, mas também do espaço rememorado.

1. Geografia: Itinerários de uma viagem

1.1. A Europa

“Foi assim que partindo da gare de Santa Apolónia no dia 3 de Junho às 8 horas da noite, e desembarcando no caes da Alfândega, no dia 20 do mez seguinte, às 3 da tarde, consegui n’estes 46 dias e algumas horas atravessar a Hespanha, a França, o Baden, o Wurtemberg, a Baviera, a Áustria, a Itália” (CORDEIRO: 1974, 4)

É este o roteiro, ilustrado na Figura 1, que constituirá matéria para o relato de viagem que formalmente se dividirá em dois livros.

O itinerário que podemos observar no mapa que constitui a Figura 1 revela um périplo de 46 dias, realizado na sua grande maioria através do caminho-de-ferro, mas recorrendo também, quando a ocasião obrigava, ao navio a vapor, caso da passagem de Santander para Saint-Jean de Luz, na fronteira francesa, ou do regresso a partir do porto francês Le Havre.

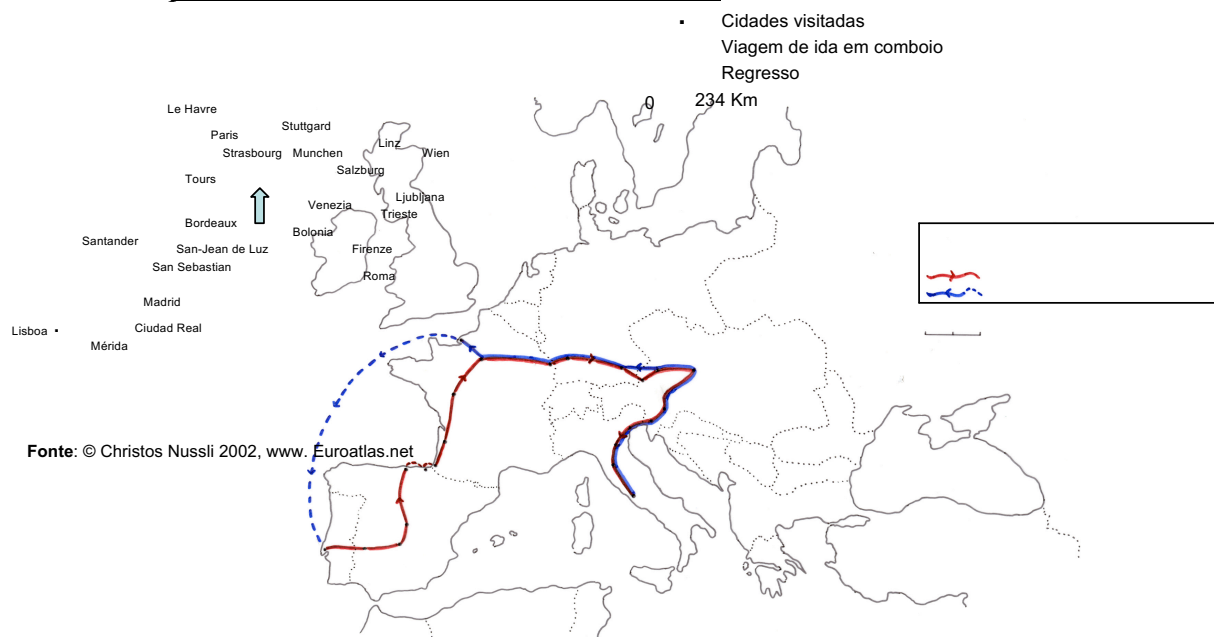


Figura 1 – Principais cidades visitadas por Luciano Cordeiro (1873)

Motiva a viagem o desejo de partir: *“Estas duas syllabas – partir – encerram toda a immensidade que se esconde nas duas da palavra – viver. A vida é a conjugação eterna d’esta forma verbal”*(p. 9) Ao invés da maioria dos viajantes da época, Luciano Cordeiro viaja *“ sem comissão e três libras por dia do Governo”* (p.1). Apesar do desejo, Luciano Cordeiro, muito jovem ainda, confessa que não se *“aventurara ainda a ir por essa Europa adiante”*, sem companhia; o Dr. Sousa Martins, será, como nos relata, o seu companheiro nesta viagem, tendo sido nomeado representante de Portugal no Congresso Quarentenário que se reuniu em Viena. *“Amando o estudo mais por vocação ou habito, ou destrahimento ou consolação d’uma vida solitária e triste”*, Luciano Cordeiro aproveita igualmente o ensejo para recolher – nos diversos países a que se desloca, mas sobretudo em Paris e Viena - informações relativas a *“regulamentação e estatística d’instrução especial e superior”*, relacionada provavelmente com a tarefa que o ocupa em 1875, isto é, a Comissão para estudar a reforma do ensino artístico, a conservação dos monumentos nacionais e a formação de museus e que também explicaria a atenção concedida ao estudo das diversas escolas de pintura presentes nos museus visitados. Relembra, contudo, a cada instante que

“vagueava pela Europa n’esta deliciosa situação de quem é uma vontade e não um cargo” (1875: p.198)

Luciano Cordeiro acompanha, por conseguinte, Sousa Martins até Viena. Antes, porém de chegar à capital austríaca, visitará pela segunda vez Madrid, que Sousa Martins desconhecia, demora-se em Paris, onde se encontra com Fauvel – o representante francês no Congresso Quarentenário –, com Ernest Renan – ilustre positivista com quem se corresponde –, reúne-se com o embaixador português em Paris naquela altura, nada mais nada menos que Mendes Leal. Prossegue viagem em direcção a Viena, passando por Munique, mas adiando a visita para o regresso. De Munique a Viena toma a linha de Salzburg, na ida, e a de Simbach, no regresso. Chegados a Viena, e devido ao adiamento de 15 dias do Congresso Quarentenário, os dois viajantes decidem aproveitar o tempo para conhecer a Itália, que para além de *“atracções divinas possuía como qualquer paiz de simples mortaes, hospitaes e lazarentos à farta”* (1875: p. 200). A viagem continua, portanto pela linha de caminho de ferro do Sul, em direcção a Trieste, na altura ainda sob domínio do império austro-húngaro.

A narrativa da viagem termina formalmente em Veneza, embora a viagem continue por terras italianas e saibamos, sobretudo pelo primeiro volume, que Luciano Cordeiro visita também Bolonha, Florença e Roma. Depois de deixar Sousa Martins em Viena, o trajecto de regresso é feito, em caminho-de-ferro, em sentido contrário, até ao Havre, o porto de Paris, onde embarcará em direcção aos cais da Alfândega, terminando a viagem a 3 de Julho.

1.2. A Península Ibérica

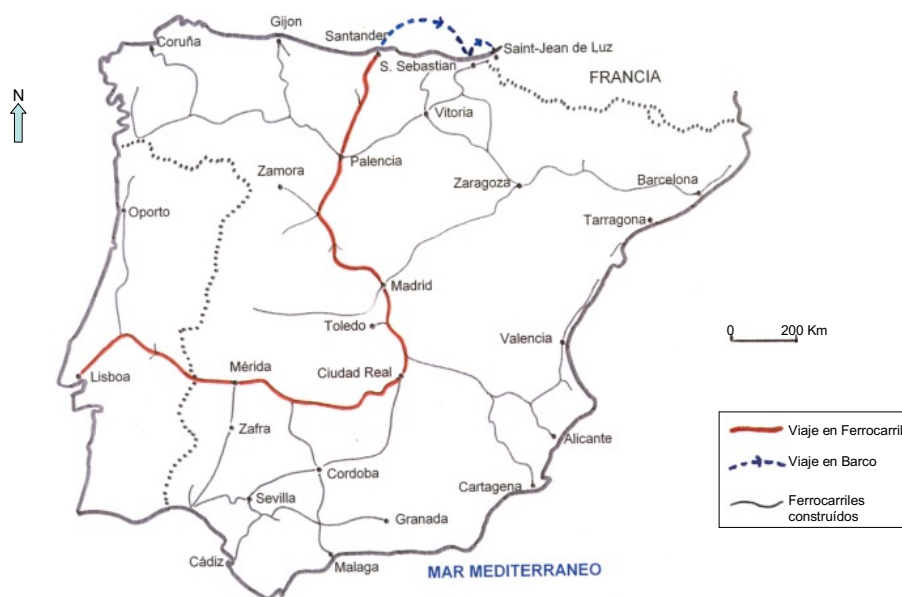
Num âmbito de um trabalho tão espartilhado, decidimos abordar apenas o relato da viagem pela Espanha. De facto, a Europa Meridional, e a vizinha Espanha de forma muito especial, constituem os horizontes geográficos mais frequentados pelos escritores-viajantes portugueses oitocentistas, até porque, a Espanha é um território obrigatório de passagem para os outros países europeus, mas igualmente porque o fascínio exercido pela Espanha, como já foi a diversos ensejos demonstrado, se relaciona com o gosto romântico pelo pitoresco e pelas notas de cor local, que apaixonarão tantos escritores.

“Foi pouco tempo para tanto, disseram-me já. Foi, e é por isso que os comboios expressos são uma excelente cousa” (CORDEIRO: 1974, 5).

Efectivamente, é no cruzamento do desenvolvimento da rede viária, na arqueologia da construção da rede ferroviária europeia, na descoberta da máquina a vapor que deve ser cabalmente inserida a viagem de 46 dias realizada por Luciano Cordeiro.

“O nosso século não alongou inutilmente a vida inventando a machina a vapor e a machina de electricidade. O que consumia um mez pôde gastar algumas horas apenas, d’onde se segue com todo o rigor arithmetico que nos ficam 29 dias e algumas horas para transformar n’outras cousas” (CORDEIRO: 1974, 3)

Positivista assumido, admirador de Taine e Renan, o polígrafo português não poderia ser alheio a este encurtar das distâncias que o progresso permite. É aliás, através da sua acção que os transportes em comum em Lisboa sofrem uma considerável melhoria. Na década de 1871-1880, já se fazia a viagem em caminho-de-ferro relativamente cómoda, da estação de Santa Apolónia à estação de Vila Nova de Gaia, mas era deveras incómodo e moroso o transporte intramuros na capital, nos velhos *omnibus* e *charabans*, semelhantes às mala-postas. Foi então que os irmãos Luciano e Francisco Cordeiro – a quem este relato de viagens é dedicado – se lembraram de pôr em prática um sistema de transportes citadinos mais cómodo e rápido, tendo, em Setembro de 1873, adoptado os “americanos”, grandes carros, puxados por uma simples parelha de cavalos e que deslizavam sobre carris de ferro.



Fuente: Carta de España con las líneas de ferrocarriles que formaban la red en 1º de Enero de 1866 y todas las apoyadas en la información pública abierta con motivo del plan, Esc. 1: 2 000 000, 1867. (a partir de Maria Fernanda Alegria)

Figura 2: Viagem de Luciano Cordeiro no caminho-de-ferro ibérico (1873)

Como já afirmámos, é recorrendo aos novos transportes que Luciano Cordeiro realiza a sua viagem, nomeadamente e na Península Ibérica, através do caminho-de-ferro e do vapor que lhe permitirá passar de Santander para San Sebastian e depois alcançar a fronteira gaulesa, desembarcando em Saint-Jean de Luz. Ao atentarmos na Figura 2, que representa a rede ferroviária ibérica em 1866, o trajecto pode parecer sinuoso, numa primeira análise, mas não pode ser desenquadrado do contexto histórico ibérico, dos primeiros anos da década de 70. Com efeito, em Junho de 1874, estava ainda relativamente lenta e tardia a construção da rede ferroviária portuguesa¹³¹. À data,

¹³¹ Como refere Maria Fernanda Alegria, ao contrário do que aconteceu noutros países europeus os dois países ibéricos não conseguiram desenvolver um sistema de transportes alternativo ao caminho-de-ferro. O terreno acidentado afectou não só a sua construção, como a sua conservação. Por outro lado, a construção de canais não se adaptava ao tipo de relevo ou, noutras regiões, com o regime de precipitações que impossibilitava a sua utilização durante grande parte do ano. O transporte por cabotagem não solucionava, por seu turno, as relações com o interior. O início relativamente tardio da rede ferroviária portuguesa – que só pode tornar-se efectivo com a Regeneração (a partir de 1851) – contribui para explicar a dependência do seu traçado para com outros países, sobretudo a rede espanhola, mas também com a de França. Em 1855, ainda não existia em Portugal nenhum troço de caminho-de-ferro explorado e em Espanha já se havia construído 143Km. Como a construção da via ferre que unia Madrid a Badajoz já estava adiantada, preferiu-se em Portugal aproveitar esta ligação para criar a primeira linha internacional lusa, em detrimento das ligações internas, nomeadamente Lisboa – Porto. No entanto, será somente em

o único troço fronteiriço que se encontrava inaugurado, desde 1863, era o que efectuava a travessia por Badajoz, passando por Ciudad Real. Será necessário esperar até 1880 pela inauguração do ramal de Cáceres que, por Placência, encurtava o anterior traçado ferroviário, por Badajoz, em cerca de 200 Km.

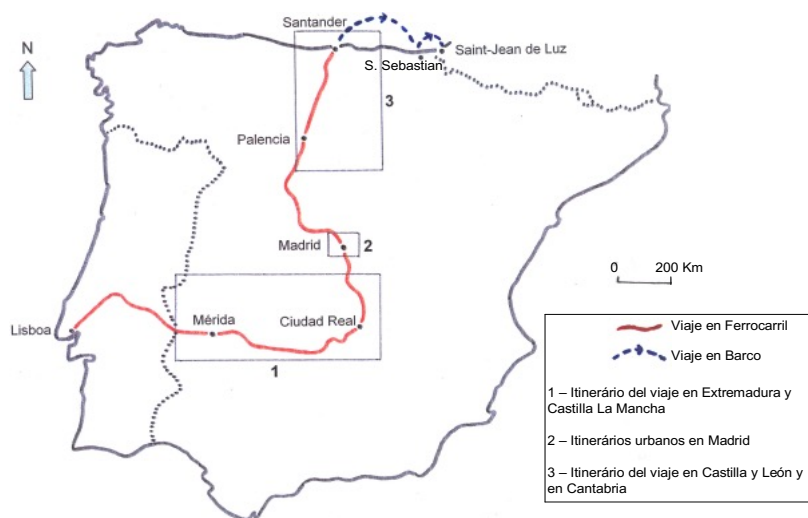
Por outro lado, se a rede ferroviária espanhola era mais extensa e tinha Madrid como foco radial em direcção às outras cidades mais importantes da península, o trajecto de Luciano Cordeiro a partir de Madrid, também foi imposto por razões históricas. Apesar do traçado ferroviário contemplar uma ligação directa Madrid-San Sebastian, o facto é que a cidade basca “ por terra estava incomunicável” porque “sentia o bafo dos vailetas carlistas”¹³² (CORDEIRO: 1874, 108).

1.3. A Espanha

Luciano Cordeiro inicia a viagem a 3 de Junho, saindo da gare de santa Apolónia às 8 horas da noite. O percurso em caminho-de-ferro por terras lusas efectua-se todo ele durante a noite. Daí que a narrativa de viagem não contemple descrições nem alusões à paisagem portuguesa. Assim, e como demonstra a Figura 3 podem isolar-se no percurso por caminho-de-ferro, as regiões que correspondem à viagem efectuada durante o dia, quando o olhar que percorre a paisagem é consubstancial à escrita, e a narrativa parece partilhar com o leitor a passagem por cada lugar, o registo de cada apeadeiro.

1863 que a Companhia Real dos Caminhos-de-ferro portugueses termina a ligação Lisboa – Elvas – Badajoz, concluindo apenas em 1866, a ligação ferroviária até Madrid. (ALEGRIA: 1983, 5,6)

¹³² A terceira guerra carlista teve, efectivamente, lugar entre 1872 e 1876 e opôs Carlos VII, neto de Carlos Maria Isidro, o primeiro pretendente carlista. Após a revolução de 68, os carlistas queriam converter-se numa alternativa para as classes conservadoras frente ao regime democrático e moderaram as suas formas de linguagem. Nasceu um partido: A Comunhão Católico-Monárquica, mas a eleição de um rei estrangeiro, Amadeu I, lançou-os na guerra civil, cujo cenário foi o País Basco, Navarra e Catalunha. (Ver CANAL, Jordi: *El Carlismo*, Madrid 2000 e EXTRAMIANA, José: *Historia de las guerras carlistas*, San Sebastián 1978-1979). Luciano Cordeiro refere-se às pretensões carlistas numa proposta capitular intitulada “Os “quintos” e a legitimidade de D. Carlos”, precisamente no capítulo IX, iniciado logo após a saída de Madrid, mantendo concomitantemente um longo silêncio sobre a paisagem até avistar Valladolid. O polígrafo português ao embarcar no comboio encontra um adepto carlista com quem argumenta contra a legitimidade de D. Carlos, refutando a Lei Sálica e relembrando D. Berenguela e Isabel a Católica. (CORDEIRO: 1874, Cap. IX)



Fuente: Carta de España con las líneas de ferrocarriles que formaban la red en 1º de Enero de 1866 y todas las apoyadas en la información pública abierta con motivo del plan, Esc. 1: 2 000 000, 1867. (a partir de María Fernanda Alegria)

Figura 3 : Localização dos percursos mais detalhados de Luciano Cordeiro (1873)

Isolámos, três grandes momentos de descrição da paisagem. Os primeiros raios de luz coincidem com a travessia da fronteira e com momentos descritivos de grande pormenor. A partir de Badajoz e até perto de Ciudad Real, percurso que ocupa o dia inteiro, Luciano Cordeiro detalha informações relativas à paisagem contemplada, nomeadamente as regiões espanholas da Baixa Estremadura e de Castilla-la Mancha. É este o primeiro quadro natural da viagem por Espanha. A noite cai perto de Ciudad Real, por isso, a narrativa só recomeçará em Madrid, capital da Espanha, a que o nosso viajante dedica uma visita mais demorada e constituirá o nosso segundo quadro. A partida de Madrid é também ela efectuada de noite, daí que até perto de Palência, a narrativa abandone a descrição da paisagem e dê lugar a considerações ou divagações de ordem política ou histórica. Depois de Palência, já o sol permite vislumbrar novamente a paisagem, pelo que a narrativa contempla mais uma vez a visão perceptiva do autor da realidade observada. Trata-se, finalmente, do terceiro quadro natural, a Cantábria.

demonstrado pelos portugueses; outro grande bloco evoca o espaço da Reconquista e é constituído pelo campo de Calatrava e, finalmente, o terceiro grande bloco concentra-se na Mancha, no espaço de uma geografia cervantina¹³³, que relembra as saídas do Cavaleiro da Triste Figura e faz coincidir parte do trajecto de caminho-de-ferro que Luciano Cordeiro percorre, com o antigo *Caminho Real* que vai de Madrid a Sevilha¹³⁴.

Curiosa também a insistente referência à rede fluvial. O Guadiana é personagem principal do percurso, acompanhando a linha de caminho de ferro em grande parte da sua extensão, cruzando-se igualmente com alguns dos seus afluentes, o Guerrero, o Xévora – Guevara -, o Lacara, o Aljucén, o Guadalmez, o Tirteafuera, o Ojailén – Joraicen, ou o Jabalon. Impressiona o esquiço rigoroso da rede fluvial, sobretudo quando sabemos que a viagem é efectuada no Verão, o que significa um caudal muito pouco expressivo na grande maioria dos casos. E se o nosso autor concorda com Alexandre Dumas, “ a maior parte dos rios peninsulares é mera hypothese”, não perde a ocasião para lhes fazer referência, e este preciosismo na descrição da paisagem só caberia nas palavras de um geógrafo, atento à realidade que observa.

1.3.2. Madrid

Em finais do século XIX, Madrid era uma capital ainda muito rural, cujo perímetro urbano coincidia com os limites do jardim do *Buen Retiro* a Este e o *Campo del Moro* a Oeste.

À semelhança de todos os outros viajantes portugueses em Madrid, Luciano Cordeiro aloja-se na *Puerta del Sol*. E aconselha o mesmo a quem visite Madrid: o hotel em que se fica não interessa, importa sim, que se aloje nesta afamada Praça.

“É tão essencial como dar uma volta no Prado, descansar no *Buen Retiro* e visitar o Museu uma vez, visita-lo segunda vez, visita-lo sempre” (idem:27)

¹³³ Sobre este assunto ver Diego Perona Villareal, *Geografia Cervantina*, Madrid, Albia, 1988 e também *Los mapas del Quijote*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2005.

¹³⁴ Diego Perona relembra que mais de metade de D. Quixote se situa ao largo do Caminho Real – Madrid – Sevilha – e dos seus arredores. Com a Descoberta da América, este caminho alcançou um movimento inusitado. Sevilha chegou mesmo a ter 150 mil habitantes, igualando as maiores cidades do mundo (PERONA, 1988:25)

que limita a Madrid urbana. Apenas um pequeno desvio neste percurso comum aos guias turísticos da época, para visitar o Hospital General, a pedido de Sousa Martins.

Toda a cidade de Madrid a norte da Puerta del Sol não é sequer mencionada por Luciano Cordeiro e corresponde a um vazio, não obstante essa parte da cidade já estar desenvolvida na década de 70 de Oitocentos, como se pode constatar pelo plano de Madrid, datado de 1877. A curta estadia em Madrid, de passagem para outros países da Europa, não deixaria provavelmente tempo para prolongar o passeio turístico para além dos locais assinalados nos guias de viagem. Para além dos incontornáveis Prado e Buen Retiro, são igualmente parcas as referências a outros monumentos. Destacam-se, todavia, aqueles que numa visita turística mais chamam à atenção; por um lado, a Estátuas, quase sempre dos Filipes, e por outro, das numerosas Fontes da cidade, que em época de estio deviam, sem dúvida, chamar à atenção.

1.3.3. Castilla León e Cantábria:



Fuente: *Atlas de Carreteras y Turístico – España y Portugal*, Esc. 1:400 000, Hojas 5,9,17, Madrid, Ed. Michelin, 2005.

Figura 6: Viagem de Luciano Cordeiro em caminho-de-ferro: Castilla y León e Cantábria

“*Sahimos de Madrid ao cair da noite*”. Prossegue a viagem, novamente por caminho-de-ferro, que rumará a Valladolid, Palência para terminar em Santander. Observando a Figura 6 destaca-se o hiato toponímico que se pode verificar entre Madrid e Palência. Com efeito, após esta descrição minuciosa da capital da Espanha, o percurso que leva Luciano Cordeiro em direcção à fronteira francesa apresenta até Valladolid um silêncio significativo em relação à paisagem. Se por um lado, o facto de a viagem se ter realizado de noite pode explicar este silêncio, ele dá lugar a um capítulo onde se disserta sobre a legitimidade de D. Carlos. Liberal convicto, Luciano Cordeiro aproveita o ensejo para, perante um companheiro de viagem, ele próprio carlista, pôr em causa a legitimidade de Direito Divino, criticar a Lei Sálica e manifestar-se contra o iberismo¹³⁵.

A descrição da paisagem só começa a aflorar com os primeiros raios de sol, que desvendam a beleza das campinas do rio Ucieza, a que se sucedem incessantemente referências a topónimos locais em que os campos férteis vão progressivamente dando lugar a desfiladeiros e penedias, que alternam com extensos vales e rochas colossais. Os topónimos mencionados referem-se, como já acontecera com a Estremadura e a Mancha a lugares e apeadeiros do caminho-de-ferro: Espinoza de Villagonzalo, Alar del Rey, Mave, Aguilar del campo, Quintanilla de las Torres, Cervatos, Reinosa, Barcena, las Caldas de Besayos, Boo, Maliaño, até atingir Santander.

“Os horizontes vão perdendo a aspereza selvagem. D’ali a pouco espraíávamos a vista pela Plana Mayor, e em Boo desdobrava-se o panorama esplendido da bahia e da commercial Santander e começávamos a atravessar sobre a Muelle de Mariano uma série de lagunas como se entrássemos em Veneza.” (idem:101)

Santander presta-se a poucos elementos de detalhe; em trânsito para França, Santander era o porto que permitia apanhar um vapor para Saint-Jean de Luz, com escala em San Sebastian, uma vez que esta cidade, apesar de ter uma linha de caminho-de-ferro já construída, estava inacessível, como já demonstrámos.

¹³⁵ A questão ibérica, que na década de 70 incendiava os intelectuais espanhóis e portugueses e que inevitavelmente aparece em todos os relatos de viagem de portugueses a Espanha, encontra-se muito mitigada em Luciano Cordeiro. O fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa encontrava-se já e precocemente mais preocupado com a questão colonial africana, que terá o seu apogeu no *Ultimatum* britânico em 1890.

Em Santander, não obstante as poucas horas de permanência na cidade, o nosso viajante consegue observar a beleza da sua baía, que faz dela “um dos primeiros portos de Hespanha”.

Para chegar a Saint-Jean de Luz, Luciano Cordeiro toma um vapor, o “Portugalete”, fazendo escala em San Sebastian, para almoçar.

2. O Quadro Natural da viagem por Espanha

Desconhecemos quanto tempo levou Luciano Cordeiro a percorrer a Espanha, embora possamos calcular, pelas indicações cronológicas que vai deixando insinuar, que se tratou de aproximadamente uma semana. Mas se não podemos precisar, com total correcção a duração do trajecto, já o espaço percorrido se deixa nitidamente emoldurar num quadro natural, numa topografia literária de cariz geográfico. Nesse espaço vivido, nessa Espanha percorrida, Luciano Cordeiro lê e interpreta a paisagem, seleccionando os seus aspectos mais “relevantes”, representando uma realidade que nunca é objectiva, porque filtrada por valores afectivos, ideológicos e psicológicos. A referência constante a elementos da paisagem desenha um quadro natural da Espanha, espaço percebido pelo olhar de um geógrafo, homem de ciência, cuja interpretação não deixa de ser a mistura de um conjunto de mecanismos sensoriais com experiências vivenciais.

Ao longo da sua viagem por Espanha em caminho-de-ferro, Luciano Cordeiro descreve com rigor o espaço geográfico vivido e observado, com base nos principais factores naturais caracterizadores da paisagem, tais como o clima ou o relevo, ou ainda referenciando factores humanos, como o povoamento ou as actividades económicas dominantes.

O Clima é, sem dúvida o factor caracterizador da paisagem mais destacado por Luciano Cordeiro ao longo da sua viagem, para o qual se contabilizaram cerca de doze entradas, provavelmente pelo facto do itinerário ter sido realizado durante a secura da época estival, que caracteriza o interior da Península Ibérica. O Relevo, aparece em segundo lugar como o factor geográfico mais salientado.

Após a travessia da fronteira, e à passagem por Badajoz, entramos na Baixa Extremadura e na Mancha. Aqui o clima é mediterrâneo típico, com Verões quentes e Invernos amenos. As precipitações são escassas e concentradas na Primavera e no Outono. A secura estival é acentuada, os rios têm um caudal irregular ao longo do ano e muito reduzido. O Relevo é plano e uniforme, predominando as peneplâncies –

planuras com suaves ondulações culminadas por algumas colinas. A vegetação é pouco abundante, concentrando-se nas margens dos rios. O Guadiana, é o grande tributário ibérico dominante na Paisagem da Estremadura e da Mancha. Ao longo da sua viagem por Espanha em caminho-de-ferro, Luciano Cordeiro descreve com rigor o espaço geográfico vivido e observado, com base nos principais factores naturais caracterizadores da paisagem, tais como o clima ou o relevo, ou ainda referenciando factores humanos, como o povoamento ou as actividades económicas dominantes. .

Daí que o quadro natural desenhado por Luciano Cordeiro chame a atenção para o Clima –

*“o fogo que vem de cima encontra a reçummar por
entre os fragedos o fogo da cólera tytanica que arde (p. 16)*

– para a seca estival – arrolando todos os nomes dos rios que atravessam a região, e destacando a irregularidade do seu caudal. Chama ainda a atenção para a uniformidade e monotonia da paisagem, com relevos pouco expressivos, onde predomina a planície. Daí que as poucas serras que se observam ao longe se destaquem no meio da vasta e extensa planície: a Serra del Pedroso, a Serra das Víboras e a Serra Morena.

Também a paisagem madrilenha, é descrita com rigor geográfico, destacando-se pormenores relativos ao clima, ao relevo, ao povoamento e aos sectores de actividade predominantes. A localização geográfica de Madrid

*“um planalto immenso, árido e deserto” onde “ apenas as
linhas ásperas do Guadarrama e da Somo Sierra interrompem do
lado nordeste a monotonia de um horisonte em que o solo e o céu
parecem não só juntar-se mas fundir-se ao fogo d’um sol tropical”
caracterizam o seu regime climático, com Verões muito quentes e
Invernos com “ frios polares: a calva orographica que ela coroa
está algumas centenas de metros acima do oceano e é genuinamente
uma calva” (p. 20).*

As últimas paisagens da Espanha caracterizadas pelo polígrafo português são a Cantábria e, com menor detalhe a as “Vascongadas”, uma vez que esta última região se presta essencialmente a considerações históricas e políticas.

Quando nasce o dia, próximo das campinas do Rio Ucieza, delinea-se já a Cordilheira Cantábrica. Neste bloco da paisagem, é o Relevo imponente que merece o destaque de Luciano Cordeiro, relegando o clima para segundo plano. Na Cantábria,

“os horisontes estreitavam-se irriçados, numa dança vertiginosa de penedias enormes. Empinadas, tytanicas, parecendo n’um sitio escalar os castelos plúmbeos das nuvens e n’outros reter prisioneiras n’umas gargantas profundas às nebrinas das madrugadas” (p. 99).

A imensa massa granítica apenas é cortada pelas nuvens ou por um fio de água, alternando com os vales onde se instala o povoamento e o nosso polígrafo observa os *“vales profundos onde bracejava uma corrente ou uma collina onde pascia a boiada ou algum burgosinho onde fumavam as casas”* (p. 100). Para além da referência ao relevo imponente que obriga o traçado de caminho-de-ferro a atravessar túneis profundos, o nosso escritor oferece ainda interessantes notações sobre as actividades económicas mais representativas, nomeadamente as matérias-primas mais importantes como o mármore de Aguilar de Campo ou a hulha de Barruelo, ou ainda ao Termalismo muito em voga nesta segunda metade de Oitocentos.

3. A Literatura: um espaço ficcionado

Até San Sebastian, término ibérico da sua viagem, Luciano Cordeiro irá confrontar-se com o país vizinho, com o “outro”, a Espanha, e são esses espaços que percorre, por trem e vapor, que cartografados, permitem descobrir o (dis)curso da sua viagem e as escalas geográficas nele adoptadas – europeia, ibérica, regional, local, mas também o espaço literariamente construído, ficcionado, através de um olhar que não é neutro, mas contaminado por leituras e pela sua própria imaginação.

Essa noção de alteridade ganha corpo no preciso momento em que se atravessa a fronteira e como bom geógrafo, Luciano Cordeiro não perde a ocasião para reflectir

sobre o espaço fronteiro, discutindo o conceito de fronteira natural, mas negando o de fronteira política.

“ Mas é que geralmente uma fronteira não é um rio e quando muito é o meio do rio. Não confundamos. O que se espera é que visto que todos os dias se tiram os filhos às mães para defenderem esta grande cousa que se chama fronteira, a fronteira seja alguma cousa de grande, visível, palpável. (...) Nada d’isso porém. Uma fronteira é uma expressão e quando muito, é um marco que nunca se vê quando se viaja” (CORDEIRO:1874, 12)

“Como porém chegámos a Badajoz tivemos a certeza de que passáramos a fronteira” (idem, p. 12)

Atravessada a fronteira, depara-se o nosso viajante com Badajoz, capital da Estremadura espanhola. Badajoz capital da Baixa Estremadura de nome romano “Paz Augusta”, recorda-lhe, como “bom português”, as “Touradas e os Cercos”, e por conseguinte a área de transição e a contaminação cultural que caracterizam as áreas raianas presta-se a considerações geopolíticas no único traçado fronteiro que até hoje não está estabelecido; Badajoz é, de facto, espanhola pelas touradas, mas portuguesa pelos Cercos e constitui um dos Blocos de topónimos que servem a Luciano de Cordeiro de pretexto para recordar as guerras da Restauração e as Invasões Francesas, como já demonstráramos anteriormente.

Luciano Cordeiro utiliza na sua viagem aquele que foi, pela sua situação geográfica – ponte entre a meseta ibérica e as serras do sul – funcionou como um dos corredores naturais mais utilizados na penetração da Península, pelas diversas civilizações que desde a antiguidade aqui se instalaram. O particular relevo e as vias fluviais favorecem esta situação de corredor, quer de pessoas, quer de produtos e o nosso viajante pontua a sua descrição da paisagem com notas de particular interesse geográfico, que parecem recriar os matizes e detalhes que encontramos nos guias de viagem.

“A capital da Estremadura hespanhola que teve a honra de chamar-se Paz Augusta no tempo dos romanos, trepa por um cerro à beira do

Guadiana que ali recebe o modesto Ribillas, e tem assim de longe, graças às suas casinhas brancas, a aparência ingénua d'uma rapariga que sahe do banho em fralda. Está claro que não é uma Vénus” (idem, p. 14)

Identificamos imediatamente os elementos de paisagem característicos da Estremadura, a confluência de dois rios e a simplicidade do casario branco típico do sul da Ibéria, espaço vivido que é particular ocasião para cruzar com o espaço artisticamente ficcionado, na rememoração da pintura de Boticelli.

“O dia conservou-se esplendido e até próximo de Ciudad Real o panorama pode dizer-se irreprehensível. O Guadiana espreguiçava-se voluptuosamente por aquellas veigas abaixo; depois o Guerrero que é um borrego e o Guevara que é outro, saltitavam por entre os vinhedos e olivais de Talavera ; mais adiante espraivavam-se os campos formosos de Montijo inundados de reflexos sensuaes; em seguida caracolava o Lacara sob umas poucas de pontes; depois a Serra das Víboras, falsa como uma sereia, namorava de longe o Aljucen d'um lado e o Albarragas do outro, e apoz, recortando-se n'hum horizonte de púrpura, pareciam vir magestosamente para nós umas ruínas grandiosas...” (idem, p. 14)

A sugestiva sensualidade da paisagem descrita denuncia a personificação anterior da paisagem estremenha, de uma rapariga se trata efectivamente, uma rapariga jovem, bela sensual. O leitor – interlocutor acompanha Luciano Cordeiro na viagem e, consubstancialmente ao seu olhar, também ele observa a paisagem da Baixa Estremadura. A metafórica vivacidade dos riachos *Guerrero* e *Guevara* em antítese com a indolência de um rio mais maduro, o Guadiana, num dia de Verão, só podiam pontuar a paisagem de férteis planícies, olivais e vinhedos.

Se Badajoz é uma rapariga que sai do banho, “*Mérida é uma velha cheia de rugas, com algumas medechas apenas e embranquecidas e desfeitas do seu magnífico penteado romano, mas foi já uma rainha, esta velha*” (idem, p.15). A personificação da paisagem e sobretudo a sua feminização é uma das isotopias que podemos reter desta descrição. O espaço vivido é ficcionado no e pelo (dis)curso, e as referências de construção literária deixam-se cerzir com outras de cariz toponímico, que introduzem

notas sobre os elementos de paisagem de rigorosa observação geográfica, como as *sandias*, os vinhos, as campinas que caracterizam a peneplanície da Estremadura.

Esta afirmação confirma-se ainda com a seguinte região. Prosseguindo viagem em caminho-de-ferro, que vai acompanhando o percurso do Guadiana,

“o panorama vae denunciando a Mancha (...) Esta região é um viveiro de minas e mineiros. É ver Almadejos: toda a gente anda nas minas; La Concepcion: uma mina; Valdeazougues: um valle d’azougue como a palavra está dizendo; Puertollano que é um óasis nestes valles, lá tem também uma fonte ferruginosa.” (idem, p. 16)

Ora, se a Mancha inspira antes de mais considerações sobre a riqueza do subsolo – que transformam a extracção mineira numa das actividades económicas mais rentáveis, mas também mais perigosas, da região –, já a rede hidrográfica dá lugar a uma percepção do espaço filtrada pela experiência das leituras de matriz francesa:

“Alexandre Dumas tinha razão. A maioria dos rios peninsulares são mera hypothese pelo menos durante cinco ou seis meses” (idem, p. 16).

A Mancha é o espaço vivido que mais azo dará à projecção de um espaço literariamente rememorado, por ser uma região que recorrentemente se viu retratada nos livros de viagem franceses do século XVIII e ao ser, concomitantemente, o cenário das aventuras do livro de Cervantes.

A Mancha de Luciano Cordeiro é a Mancha de Théophile Gautier, de Alexandre Dumas e de Cervantes:

“Esta Mancha tem uma triste reputação de feia, árida e monótona e realmente os seus horizontes incendiados não nos pareceram primar pela variedade, as suas planícies arenosas e solitárias não devem ficar exactamente debaixo da cornucópia da Abundância e enfim as penedias caleinadas e nuas não são um deleite óptico. Parece que dardeja ali eternamente a cólera dos Deuses e que o fogo que vem de cima encontra a reçumar por entre os fragedos o fogo da cólera titânica que arde, impotente e condenada debaixo. Os riachos que cortam aquella crusta

ardente e os asinheiros que cobrem com os galhos quasi nus as calvas penhascosas, dão à paisagem às vezes um tom de sombrio sarcasmo. Foste bem posto n'este theatro oh velho e bom D. Quixote. Tu também és um Titã condenado desde que os Panças são os Deuses.” (idem, p. 17)

Esta descrição da paisagem castelhana só pode ser compreendida na sua plenitude se comparada com uma outra de Théophile Gautier:

«Les rochers ne laissent plus que la place du chemin tout juste et l'on arrive à un endroit où deux grandes masses granitiques, penchées l'une vers l'autre, simulent l'arche d'un pont gigantesque que l'on aurait coupé par le milieu, pour fermer le passage à une armée de Titans » (GAUTIER, 1981 :60)¹³⁶

A nudez e o aspecto inabitado da paisagem castelhana que levaram Théophile Gautier a qualificá-la de “un désert aux portes de Madrid”, são confirmados por Luciano Cordeiro. Com a Serra Morena no horizonte, com a sua “severidade hostil” e a sua “pedregosa nudez”, avista-se já ao longe a capital das Espanhas.

Madrid é o espaço urbano que Luciano Cordeiro descreve com maior fôlego. Dedicou-lhe 6 capítulos¹³⁷, onde num passeio que poderíamos descrever de “estético”, percorre as ruas, observa as pessoas, visita monumentos, aprecia a arte. Também aqui reconheceremos temas recorrentes que se nutrem, em grande medida, dos contributos da literatura francesa¹³⁸.

A narrativa de viagem oitocentista apresenta-se como uma modalidade discursiva em que a atitude comparatista do escritor-viajante se vazará num processo de construção

¹³⁶ Compare-se igualmente com esta descrição de Théophile Gautier da paisagem castelhana : *« Le pays que nous traversons avait un aspect de sauvagerie étrange: c'étaient de grandes plaines arides, sans un seul arbre, qui en rompît l'uniformité, terminée par des montagnes et des collines d'un jaune d'ocre que l'éloignement pouvait à peine azurer » (GAUTIER, 1981 : 89-90)*

¹³⁷ As propostas capitulares sobre Madrid intitulam-se “A capital das Hespanhas”, “Por Madrid”, “Um Philippe e vários Bourbons”, “De como Velasquez tinha uma costella portuense e não era pintor”, “O Prado. – O Rei Amadeu. - O Buen Retiro.”, “Do Hospital general ao Museu do Prado.”

¹³⁸ Théophile Gautier na sua obra *Voyage en Espagne*, que efectuou com 29 anos de idade, permanece seis semanas em Madrid.

de alteridades em que o Eu olha o Outro e simultaneamente se olha a si, perpetuando normalmente imagens estereotipadas sobre o Outro¹³⁹.

As primeiras considerações do nosso viajante sobre Madrid são de cariz geopolítico, e nelas podemos nitidamente distinguir o olhar de um português, liberal convicto, em relação à nação vizinha. Já a proposta de título o anunciara: “a capital das Espanhas”, sugere efectivamente ao processo de centralização a que a artificialidade da escolha da capital para esse efeito. E dissertando sobre as várias origens de Madrid ironiza sobre o estereótipo de pretensiosismo que a antiga rivalidade hispano-lusa atribui aos espanhóis:

“Duas cousas porém chegaram a evidenciar-se d’uma maneira claríssima: 1º Que depois do throno de Deus o do rei de Hespanha era o primeiro. 2º Que no mundo há uma só Madrid e em Madrid um só Prado. (...) Infelizmente as cousas humanas são mudáveis e destructiveis e as cousas divinas teem às vezes também este destino das cousas humanas: d’aqui vem que o rei de Hespanha que era geralmente um homem ou uma mulher, foi-se; que o throno apesar de Divino segundo a própria Constituição teve o destino do rei; - e que hoje só os carlistas estão d’accordo com a primeira proposição.” (idem: 19)

Passeando pela cidade, descansando no Buen Retiro, visitando o Prado, a par de notações sobre a história a monumentalidade e figura humana, os costumes, as curiosidades e episódios anedóticos, que o aproximam dos guias de viagem na época em vulgarização, não deixa igualmente de remeter para um conjunto de leituras, que por vezes roçam o plágio. O espaço viajado é lugar de reconhecimento, para o viajante como para o leitor, de imagens de uma memória livresca que Luciano Cordeiro recordará a cada passo, no contacto com cada rua, cada monumento. Os autores convocados são mais uma vez os franceses, nomeadamente Gautier e Dumas, novamente Cervantes, mas também Tirso de Molina, Dante e Camões. O polígrafo português defende – se inclusivamente da acusação de plágio a Dumas, argumentando

¹³⁹ Cf. “Pues las imágenes del extranjero, como las convenciones sociales y artísticas, suelen tener algo en común, su reiteración a lo largo de muchos años. Colectivas, pertinaces, longevas, se mantienen firmes, como tales *idées reçues*; o bien van evolucionando y cambiando, para ser sustituidas por otras; e incluso para volver a adquirir, tras un tiempo de hibernación nueva vida” (Guillen, 1998:347)

que não era autoridade para desprezar e “*pode até haver um certo orgulho em a ter seguido embora inconscientemente*”.

Denunciando outros denominadores comuns com os relatos viagem oitocentistas, Luciano Cordeiro, manifestando a sua profunda erudição, não deixa de se referir à arte espanhola, nem de procurar a presença portuguesa no espaço visitado. “*Longe do torrão natal qualquer cousa que nos falle d’elle tem a nossa sympathia immediata e irresistível.*” (idem:42), e os laivos de patriotismo esfusante que deixa escapar, não lhe permitem esconder o orgulho, eivado de um certo anti-castelhanismo, de Velásquez – o mais emblemático pintor peninsular – ser descendente de nobres portugueses.

Entre as várias curiosidades e notações que nos deixa o polígrafo português, não resistimos a oferecer um exemplo da complexidade da hierarquia topográfica de Madrid:

“há calle, carrera, corredera, callejón, e travesía como há plazas e plazuelas, cuesta e costanilla, campo e campillo, puerto e puertillo.” (p. 63)

A zarzuela que ali se representava inspira-lhe uma atitude comparativa com a arte do país vizinho. O teatro forma de sociabilidade por excelência do séc. XIX, é ocasião não só para conhecer autores estrangeiros, como também para fazer uma espécie de revisão de autores consagrados, memórias e saberes livrescos que o leitor, tal como o escritor-viajante partilham. Arrolam-se nomes como os de Tirso de Molina, Shakespeare ou Byron. Na construção de imagens sobre a Espanha, a arte – pintura e teatro - parecem incontestavelmente merecer o epíteto de “*únicos restos genuínos da velha scena hespanhola*”.

Outro lugar-comum da narrativa de viagens sobre a Espanha é o perigo da empreitada, os salteadores e *bandoleros* que infestavam as estradas. A travessia em vapor revela-se igualmente perigosa, em época de guerras carlistas. “*As Vascongadas são uma região ethnographicamente e historicamente distincta do resto da Hespanha e da Europa.*” (idem:112) e por isso mesmo se explica a sua adesão ao absolutismo, bem como a sua condição geográfica:

“as serranias bruscas, os fundos desfiladeiros, as costas difíceis, as solidões e asperesas orographicas das Vascongadas servem tão

bem ou melhor do que os seus homens obscuros e meio selvagens, do que os seus curas fanáticos e do que os seus bandidos: a causa carlista.” (p. 113)

Este excerto constitui a única menção à paisagem basca, com a sua costa alcantilada, muito recortada, cenário perfeito de perigos e mistérios obscuros. A travessia da costa basca é preenchida essencialmente com reflexões de um republicano liberal contra o despotismo carlista.

6. Conclusão

«*J'avais toujours soupçonné les géographes de ne pas savoir ce qu'ils disent*».

A afirmação de Prosper Mérimée no *incipit* de *Carmen* parece demasiado drástica, mas se algum mérito tem é o de problematizar a leitura que do espaço fazem os próprios geógrafos e o de destacar o que essa interpretação tem de valorativa.

A viagem pela Europa de Luciano Cordeiro, realizada em Julho de 1873, e particularmente a sua particular percepção do espaço, neste caso específico, da Espanha, parece relevar num binómio que faz oscilar o olhar do nosso polígrafo entre o espaço vivido e o espaço ficcionado, a geografia e a literatura.

A leitura e cartografia que efectuámos da narrativa *Viagens: Hespanha e França* permitiram-nos descobrir uma Espanha nação – “unidade geográfica d’uma variedade política, *expluribus unum*.”-, uma Espanha regional - com destaque para os três blocos de regiões percorridas pela linha de caminho-de-ferro, durante o dia -, uma Espanha local – onde Madrid representa o enfoque principal do interesse turístico, cultural e político de Luciano Cordeiro.

O trajecto realizado em caminho-de-ferro deixa-nos conhecer uma paisagem – espaço vivido, percorrido – que com recurso a inúmeras notações detalhadas, à semelhança do guia de viagem, nos permitem conhecer topónimos, rede hidrográfica, relevo, clima, características do subsolo, povoamento e principais actividades económicas, para referir apenas alguns exemplos.

O espaço vivido deixa-se, no entanto, contaminar com um espaço ficcionado. Espaço de rememoração literária, de convocação dos textos fundadores do género, ou simplesmente de apelo a um imaginário colectivo, construído com base em imagens partilhadas, quer pelo autor-viajante, quer pelo público leitor. Neste contexto,

“o déjà lu rememorado, comentado não é entendido como uma fragilidade discursiva e autoral, mas, pelo contrário, é valorizado na medida em que permite a instauração de um pacto de leitura, a criação de uma rede de cumplicidades com o leitorado da época, também ele na posse desse saber em circulação” (OUTEIRINHO, 2003:72)

Se Luciano Cordeiro, como a maioria dos escritores-viajantes que se deslocaram a Espanha, manifesta um conjunto de imagens comuns, preconceitos sobre o país

visitado¹⁴⁰ num processo remissivo para leituras consagradas, as suas descrições minuciosas das paisagens não devem ser subestimadas, constituindo uma fonte preciosa para o conhecimento da paisagem espanhola da segunda metade do século XIX, reflectindo-se num estudo de charneira entre Geografia e Literatura.

FONTES:

CORDEIRO, Luciano (1869) *Livro de Crítica, Arte e Literatura d'Hoje 1868-1869*, Porto, Typographia Lusitana;

(1874) *Viagens: Hespanha e França*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves;

(1875) *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

GAUTIER, Théophile (1981) *Voyage en Espagne*, Paris, Gallimard (1ª Edição 1839)

CARTOGRAFIA :

Atlas de Carreteras y Turístico – España y Portugal, escala 1:400 000, Madrid, Ed. Michelin, 2005

Atlas del Mundo y de los Descubrimientos, escala 1:12 000 000, Madrid, S.A.E.P.A., pp. 140-141

Carta de España con las Líneas de Ferrocarriles que formaban la red en 1º de Enero de 1866 y todas las apoyadas en la información pública abierta con motivo del plan, escala 1: 2 000 000, 1867

¹⁴⁰ Como reconhece Théophile Gautier "Encore quelques tours de roue, je vais peut-être perdre une de mes illusions, et voir s'envoler l'Espagne de mes rêves, l'Espagne du *Romancero*, des ballades de Victor Hugo, des nouvelles de Mérimée et des contes d'Alfred Musset. En franchissant la ligne de démarcation, je me souviens de ce que le bon et spirituel Henri Heine me disait au concert de Liszt, avec son accent allemand plein d'humour et de malice : "Comment ferez-vous pour parler de l'Espagne quand vous y serez allé ?" (GAUTIER, 1981: p. 43) "

Plano de Madrid, escala 1: 12 000, Madrid, Ed. Michelin, 2005

ESTUDOS:

ALEGRIA, Maria Fernanda (1983) *O desenvolvimento da rede ferroviária portuguesa e as relações com Espanha no século XIX*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos;

CANTERA ORTIZ DE URBINA, Jesus (1993) “Escritores franceses del siglo XIX, viajeros por España. Color local y enriquecimiento léxico.” in, *Revista de Filología Francesa*, 4, Madrid, Editorial Complutense;

CHEVALIER, Michel (2001), *Géographie et Littérature, La Géographie. Acta Geographica* - revue trimestrielle, Paris, Société de Géographie, Hors Série (n° 1500)

CLÉMENT, Vincent (1998), “La perception romantique de la Castille à travers le récit de voyage de Théophile Gautier », *L’Espace Géographique*, n°4

CRAVIDÃO, Fernanda (1992), “Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol – Avieiros”, *Cadernos de Geografia*, n°11, pp. 37-47;

CRAVIDÃO; F. e MARQUES, M. (2000), “Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro”, *Cadernos de Geografia*, n° 19, pp. 23-27;

FIGUEIREDO, Borges de (1887), *Homenagem a Luciano Cordeiro – Secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Tipografia de Adolfo Modesto;

GARCIA, João Carlos (1986a), *O espaço medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos;

(1986b), “Eça de Queirós na Aquitânia: o turismo no fim de século”, in *1ª Jornadas de Estudo Norte de Portugal – Aquitânia*, Porto, pp 381-395;

GUILLEN, Claudio (1998), “Tristes tópicos: imágenes nacionales y escritura literaria”, *Múltiples Moradas. Ensayo de Literatura Comparada*, Barcelona, Tusquets Editores, pp.336-367

MACHADO, José Timóteo Montalvão (1981), *Luciano Cordeiro*, Lisboa, Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa;

LITER MAYAYO, Carmen (org.) (2005) *Los Mapas del Quijote*, Madrid, Biblioteca Nacional;

OUTEIRINHO, Fátima (2002) “A Viagem a Espanha. Em torno de alguns relatos de viagem oitocentistas”, sep. da *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*.

(2003) “Representações do Outro na narrativa de viagem oitocentista” in *Cadernos de Literatura Comparada 8/9: Literatura e Identidades*, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, pp.67-76

PERONA VILLAREAL, Diego (1988) *Geografía Cervantina*, Madrid, Albia;

PINTO, Antonieta Morais Rodrigues (2002) *Da crítica artística e literária nos primórdios do Realismo em Portugal – Perspectiva de Luciano Cordeiro*, Vila Real, Dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;

SEIXO, Maria Alzira e ABREU, Graça (org.), (1998), *Les Récits de Voyage: typologie, historicité*, Lisboa, Edições Cosmos;

SEIXO, M^a Alzira (Coord.) (1997) *A Viagem na Literatura*, Lisboa, Pub. Europa-América/CNCDP, (Col. Viagem, n^o1);

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1936), *Luciano Cordeiro*, Lisboa, Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colónias;